

## DISCURSO, COGNIÇÃO E/OU IDEOLOGIA? SOBRE A PROPOSTA TEÓRICA DE MARIE-ANNE PAVEAU

Maurício Beck<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, viso a apresentar uma breve resenha crítica de conceitos propostos por Marie-Anne Paveau na obra *Os Pré-discursos: Sentido, Memória, Cognição*, lançado no Brasil em 2013 pela editora Pontes. O foco de minha crítica será a recepção de teoria e de seu arsenal analítico no contexto acadêmico brasileiro, contexto que diverge daquele específico ao mundo francês contemporâneo. Uma vez que não se trata de assimilar acriticamente as inovações do mundo europeu e nem de recusar a interlocução com seus investigadores, cabe perguntar: qual é a pertinência da proposta da analista de discurso e há como concatenar sua perspectiva com a que vem sendo trabalhada aqui há mais de 30 anos? Para começar a responder esta questão proponho estabelecer um cotejo entre a compreensão dos aspectos do fenômeno de ordem pré-discursiva com base na perspectiva teórica da cognição externalista e com base na formulação pecheuxtiana, de cunho materialista histórico, em que a noção de ideologia tem papel protagonista na compreensão da produção de evidência e no direcionamento dos sentidos.

**Palavras-chave:** Discurso. Cognição distribuída. Ideologia. Pré-discursivo.

### Introdução

O presente texto resulta da leitura do livro, traduzido para o português brasileiro em 2013, *Os Pré-Discursos: Sentido, Memória, Cognição*, pela editora Pontes, de Campinas. O livro, de autoria de Marie-Anne Paveau, tem como objetivo maior delinear uma nova perspectiva teórica para a Análise do Discurso francesa com base na apropriação da perspectiva epistemológica aberta pelos estudos cognitivos de cunho externalista, mais especificamente da cognição distribuída. Com vistas a forjar o conceito de pré-discurso, a autora descreve toda sua peregrinação intelectual pelos estudos linguísticos, discursivos e outros campos adjacentes à problemática em questão. Tal peregrinação parece movida, ao que parece, por uma tentativa de exaustividade, muito embora quase não haja menção à tradição de estudos cognitivos na antiga União Soviética e nenhuma alusão às investigações sul-americanas no campo das teorias do discurso.

Entretanto, é no transcurso desta peregrinação que autora remonta aos trabalhos teóricos e aos conceitos de Michel Pêcheux. Ressalto este aspecto na obra da autora por dois motivos: a) Marie-Anne Paveau tem sido lida, traduzida e ouvida em suas vindas ao Brasil, sobretudo por analistas de discurso na linha vertente legada de Pêcheux, com base nos trabalhos de retomada e de avanço teórico e analítico realizados por Eni Orlandi e pela comunidade que se forjou com

1 Professor visitante da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA. E-mail: beck.mauricio@uol.com.br.

base nessa proposta. b) A alusão a Pêcheux no contexto francês tem sido algo raro em toda uma geração acadêmica que sucedeu aos intelectuais franceses dos anos 60 e 70. Por motivos políticos, epistemológicos, entre outros, um certo silêncio em torno do nome do marxista-leninista produziu seus efeitos nas produções da *Análise do Discurso em França*.

Contudo, apesar de remontar aos trabalhos em torno do projeto materialista de Pêcheux, a autora não propõe uma retomada daquele projeto, que ela considera encerrado ainda antes do final do século XX. Embora a perspectiva cognitivista externalista possa ser lida como uma abordagem materialista, não se trata de encetar a atualização de uma epistemologia de arcabouço materialista histórico. E a autora deixa isto bem claro em seu livro.

Desfeito este equívoco, cabe perguntar como ler e como receber esta nova perspectiva da *Análise do Discurso* em contexto brasileiro? Uma vez que, no Brasil, a teoria materialista do discurso avançou para além de sua interrupção francesa? Em síntese, em termos conceituais: é possível articular discurso e cognição com discurso e ideologia? A meu ver, esse quebra-cabeça, com peças heterogêneas, exigirá um rigoroso trabalho de quem, por acaso, almejar estabelecer aproximações conceituais.

Tendo em vista a ocasião de recepção dos trabalhos de Paveau pela comunidade da *Análise de Discurso* no Brasil, farei na sequência um breve cotejo entre as duas perspectivas epistemológicas. Creio que isto se faz pertinente devido à diferença de escopo (o problema que se propõe a resolver) de cada perspectiva, ao mesmo tempo em que, na ótica discursiva, ambas se mostram satisfatórias na compreensão dos aspectos que se colocam com anteriores e como condição *sine qua non* dos efeitos de sentido no e pelo discurso.

## Tese 1

É um *já dito* muito disseminado que a *Análise de Discurso*, iniciada pelo círculo de intelectuais em torno do filósofo francês Michel Pêcheux na segunda metade do século passado, se constituiu com base em uma tríplice aliança – a linguística estrutural, o materialismo histórico (na releitura althusseriana) e a psicanálise (na releitura lacaniana) – e que teve como escopo maior formular uma teoria materialista do discurso para, desse modo, avançar na compreensão de questões de ordem semântica.

Contudo, como é próprio às práticas teóricas, a tríplice aliança trazia à baila novas questões e novos problemas ao ultrapassar a perspectiva da semântica formal e mobilizar os continentes da história e do inconsciente para se buscar compreender a produção de sentidos. Por conseguinte, é possível dizer que a teoria de Pêcheux inoculou a linguística e, sobretudo, a semântica com problemáticas da ordem do político.

Não resta dúvida que a problemática central para Michel Pêcheux (1997), no início das elaborações teóricas da análise de discurso, foi a da imbricação da instância discursiva com a instância ideológica. Esta última foi tomada com base na definição (re)formulada por Althusser (2008): a ideologia compreendida como instância dotada de uma materialidade específica e com modos de funcionamentos que lhe são próprios. Logo, é possível afirmar que o conjunto das questões formuladas com base nessa imbricação define as especificidades de procedimento analítico e constitui o objeto de investigação da teoria materialista do discurso. De outro lado, o sujeito e o sentido são definidos enquanto efeitos do discurso, sendo

que a *interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia* é constituinte inalienável da imbricação entre discurso e ideologia.

As especificidades do modo de imbricação entre as instâncias discurso, ideologia e inconsciente foram teorizadas por Pêcheux em sua obra de maior envergadura *Semântica e Discurso: uma Crítica a afirmação do Óbvio*. Nela, o escopo da prática teórica pecheuxtiana era a conceituação de posições ideológico-políticas necessariamente presentes e prementes na constituição e no bom/mau funcionamento da subjetividade. Na (des)continuidade da abordagem althusseriana, filosofia que primeiramente articulou sujeito, sentido e ideologia, a Análise de Discurso, em seus primórdios, buscava compreender os modos de assujeitamento (e de sua possível superação) à ideologia dominante. Conforme minha interpretação, no campo dos estudos semânticos, Pêcheux visou a elaborar conceitualmente a imbricação discurso-inconsciente-ideologia, tendo o cuidado de distinguir o modo de funcionamento da ideologia dominante – cujo efeito mais pertinente é assegurar (por via da ilusão/alusão) a reprodução da dominação política e da exploração econômica em nossa formação social – do modo de funcionamento da ideologia dominada – cujo papel ou efeito político é a transformação das relações de sentido e das relações entre os sujeitos na história.

Ora, este projeto epistemológico e político, cognominado cavalo de Troia entre o círculo de amigos em torno de Pêcheux, vai ser abortado no contexto francês devido à crise dos partidos eurocomunistas, à certa crítica acadêmica à metanarrativa do materialismo histórico, enquanto ciência régia (conforme a autocrítica do próprio Pêcheux (2002)). Talvez o evento mais significativo para o declínio do materialismo histórico no “cantinho de mundo europeu” tenha sido a Queda do Muro de Berlim em 1989. Em outras palavras, o desgaste de determinado discurso comunista alicerçado no chamado Socialismo Realmente Existente desencadeou uma série de reposicionamentos no campo dos estudos discursivos, em um processo que também foi chamado de des-marxização da teoria. Desde então o materialismo histórico tem sido considerado como “superado” no contexto do mundo acadêmico europeu. Mas, caberia perguntar: superado pelo que? por qual teoria? qual perspectiva?

Essa pergunta é ainda mais pertinente tendo em vista que, do outro lado do Atlântico, são outras as condições de produção e vigora outra interpretação em torno do legado teórico pecheuxtiano. Mas voltemos ao contexto francês contemporâneo.

## **Tese 2**

Recentemente a analista do discurso Marie-Anne Paveau tem desenvolvido uma série de reflexões, retomadas e rearticulações no arcabouço teórico da teoria do discurso. E ela o faz se aproximando das teorias cognitivistas, mais especificamente da cognição distribuída, sobretudo para formular a noção de pré-discurso que é assim definida em seu livro:

trata-se de dados que não são materialmente discursivos, porém não são mais totalmente estranhos à discursivização. Eles provém de nossa percepção organizada do mundo e do acúmulo de nossas experiências [...] Os dados pré-discursivos se assemelham então a organizadores discursivos disponíveis para a produção de discursos e os orientam de maneira mais ou menos coercitiva. [...] um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para interpretação do sentido no discurso (PAVEAU, 2013, p. 129).

Paveau atribui a esses enquadres seis propriedades. E, diferentemente, das inúmeras outras abordagens que tocam de alguma forma no fenômeno pré-discursivo, a proposta da autora é apresentar uma base conceitual capaz de abarcar e compreender esses seis aspectos em questão. Parece haver apenas uma exceção em toda peregrinação de Paveau: ao que parece a proposta semântica de Pêcheux seria a única outra a dar conta destes seis aspectos. Esta é a leitura que proponho na sequência deste artigo.

O núcleo duro do livro de Paveau (2013) se dá justamente em torno da proposta da teoria do pré-discursivo, uma vez que os prolegômenos do livro são um passeio imaginariamente exaustivo e um tanto cansativo (para seus leitores) por uma variedade de abordagens teóricas que de alguma forma tocam na matéria bruta do objeto da investigação da autora. E, sendo que a parte final concentra-se em série de análises de três corpora, um tanto tradicionais, selecionados com base, entre outros critérios, no conceito de grupo social – conceito problemático em termos de materialismo histórico, cabe mencionar). Paveau, com certeza, se esmera em dar uma forma rigorosamente acadêmica a seu projeto. No presente texto irei me concentrar no que considero o núcleo central de sua proposta. É seu arcabouço teórico e a leitura que podemos fazer dele aqui no Brasil que é o mote deste artigo. Passo então a exposição enumerativa das seis propriedades elencadas por Paveau concernentes ao fenômeno pré-discursivo. São elas:

**1) Coletividade**, pois os dados de ordem pré-discursiva são partilhados coletivamente e apropriados individualmente de modo inconsciente;

**2) Imaterialidade** – os dados pré-discursivos não são formuláveis, nem traduzíveis no discurso. Isto é, são tácitos, no sentido de que não estão explícitos e de que não são destinados a ser. Ainda segundo Paveau, este caráter tácito, não formulável, aproxima a noção de pré-discurso de interdiscurso, na acepção de Pêcheux. Contudo, Paveau (2013) ressalta que os dados pré-discursivos seriam de natureza mais social e cultural que ideológica e política. Isto estabelece uma diferença de perspectiva crucial entre as teorias, uma vez que Paveau parece ter uma noção mais restrita de ideologia;

**3) Transmissibilidade** – comunicabilidade enciclopédica (no eixo sincrônico) e linhagem discursiva (no eixo diacrônico). Este aspecto tem como base a chamada cognição distribuída, que se ocupa de descrever a representação do conhecimento na cabeça dos homens, a sua propagação em indivíduos e em artefatos e a sua transformação pelos indivíduos e por meio dos artefatos.

Esta menção ao artefato ou a tecnologias discursivas é algo que merece nos determos um pouco mais. Cito Paveau (2013, p. 135):

não reduzo os agentes dos pré-discursos a somente sujeitos falantes e acredito que os dispositivos de saberes e de crenças vão muito além da cognição humana: a natureza, o tempo, e os artefatos como as ferramentas linguísticas, os objetos manufaturados, as obras arquitetônicas, as ferramentas cotidianas, etc. Participam de saberes e crenças pré-discursivas.

**4) Experimentalidade**: organização e previsão – permitem a organização da experiência e também previsões quanto aos discursos produzidos. Os enquadres são organizadores dinâmicos que estruturam o campo perceptivo, configuram o que percebemos;

**5) Intersubjetividade**: critérios veri-relacionais. Os enquadres são relativos e aproximativos, eles têm uma dimensão prática e adaptativa, produzem

comportamentos adequados às situações em sociedade.

**6) Discursividade: manifestações linguageiras** – os enquadres pré-discursivos se manifestam no discurso e são linguisticamente analisáveis. São observáveis por meio de apelos, no discurso, aos dados do pré-discursivos.

Esta é a síntese da elaboração teórica de Paveau (2013) no que concerne à problemática que a autora se propõe compreender e analisar em uma perspectiva cognitivo-discursiva. Na sequência apresento uma tabela para tecer um cotejo comparativo entre as propriedades da noção de pré-discurso, apresentadas acima, em contraste com as propriedades da noção de ideologia, conforme legado althusseriano e pecheuxtiano. Ressalte-se que, se as duas noções preenchem/permitem compreender todos os aspectos em questão, elas não se mostram facilmente intercambiáveis:

<b>Pré-discurso</b>	<b>Ideologia</b>
Coletividade partilhada e apropriação	Relações históricas e assujeitamento
Imaterialidade Transmissibilidade Experimentalidade Intersubjetividade, critérios veri-relacionais	Interdiscurso Interpelação ideológica Coordenadas ideológicas Reconhecimento especular entre os sujeitos, deformação imaginária
Discursividade, observáveis	Pré-construído

Quanto ao cotejo do primeiro aspecto, creio que não é necessário nos determos, só cabe ressaltar a diferença de concepção do sujeito em jogo na distância entre apropriação e assujeitamento. Quanto ao segundo aspecto, só cabe mencionar que Paveau estabelece a proximidade e a diferença para com o interdiscurso – cujo matiz ideológico ela recusa. (Paveau (2013), também resalta a proximidade entre o aspecto observável dos dados pré-discursivos e a noção de pré-construído de Paul Henry).

O terceiro aspecto cotejado, o da transmissibilidade em contraste com o recrutamento de todo e qualquer indivíduo pela Ideologia, traz um ponto de divergência instigante entre as duas abordagens. Devido à suposição de universalidade do recrutamento ideológico, a questão da disseminação de dada ideologia e não de outra(s), não foi ainda investigada a fundo na teoria materialista do discurso. Talvez isso se deva à suposição de que as práticas ideológicas irradiem vertical e unilateralmente, a partir de um suposto centro no seio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, dadas formações ideológicas para as massas. Tal suposição de unidade e centralidade dos aparelhos ideológicos foi alvo, aliás, de crítica foucaultiana, sendo que o conceito de dispositivo de poder saber de Foucault não deixa de se configurar como uma alternativa microfísica à abordagem universalista de Althusser. Este modelo de irradiação a partir de um epicentro, sob a dominação, em última instância, da classe dominante, é que parece exigir certa problematização. Sobretudo se tomarmos como referência o funcionamento das novas mídias digitais, sua disseminação rizomática ou em rede. (De modo que a proposta de Paveau (2013), no quesito tecnologias discursivas – enquanto agentes e produtores de

sentido – também parece ser uma contribuição pertinente para os estudos discursivo-ideológicos).

O cotejo entre experimentalidade e a matriz de sentidos ou, antes, as coordenadas ideológicas têm a ver com o ordenamento da vivência ou da experiência subjetiva, variando a natureza dessa experiência conforme a abordagem, de qualquer forma vivenciada dentro de dados moldes anteriores aos próprios sujeitos.

Por fim, a intersubjetividade em contraste com o funcionamento especular da ideologia. Esta última define o lugar do sujeito que como bom sujeito ocupará dado lugar na divisão social do trabalho, a primeira postula a adaptabilidade a dadas situações sociais – estas situações não parecem ser entendidas, pela autora, como atravessadas por contradições históricas.

## **Antíteses**

Embora a noção de ideologia permaneça capaz de explicar o fenômeno da relação dos sujeitos com os sentidos para além/para quem do discurso efetivamente formulado, verbalizado, a autora prefere não se manter ortodoxa ao projeto da teoria materialista do discurso e propõe uma nova via para os estudos discursivos. Sua noção de pré-discurso, vem preencher uma lacuna na Análise de Discurso francesa contemporânea, o vazio deixado pelo abandono (e não superação) da perspectiva materialista histórica e pelo processo de gramaticalização que a Análise de Discurso sofreu naquelas condições de produção, segundo Paveau, com base em Courtine.

Tendo isto em vista, cabe perguntar se é possível uma interlocução entre a proposta de cunho cognitivista externalista e a abordagem da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana desenvolvida no Brasil? Em condições de produção outras, a noção de ideologia, de base althusseriana e reformulação pecheuxtiana nunca desocupou seu lugar nos trabalhos de análise.

A interlocução entre a proposta de Paveau (2013) e a Análise de Discurso realizada no Brasil, que já vem sendo feita a algum tempo, mas não deixa de gerar controvérsias e tensões. Tensões entre o caráter negativo (reprodutivo, imaginário deformador, de ilusão/alusão, de reconhecimento/desconhecimento) da instância ideológica e o caráter mais positivo (produtivo, aproximativo-pragmático, ativo) da noção de cognição distribuída. Enquanto a noção de ideologia foi formulada com base na descontinuidade epistemológica entre aquela e o conhecimento com pretensão de objetividade e na dominação política dos sujeitos em dada estrutura social desigual, no caso da noção de cognição, esta parece pensada em continuidade aproximativa para com a verdade e adaptativa para com as relações intersubjetivas em uma suposta maleabilidade de interações sem antagonismos constitutivos.

Um conceito, próximo às teorias da cognição, mas sem a dimensão veri-relacional, de matiz racionalista, seja o de meme, na acepção de Dawkins (2001), enquanto unidade de informação capaz de se replicar e se de propagar entre cérebros e outros suportes de armazenamento de memória. Talvez a aproximação entre a memética e a teoria da ideologia se mostre um campo de estudos mais profícuo nesse sentido.

Em suma, creio que persistem tensões entre a dimensão incontornável do assujeitamento ideológico, como esteio das relações de exploração, dominação e segregação e a dimensão cooperativa, interativa e, em certos aspectos, evolutiva da

noção de cognição externalista. De minha parte tomo partido pela posição pecheuxtiana, mas não sem buscar me apropriar teoricamente de dadas possibilidades abertas por Paveau (2013). Refiro-me, sobretudo, ao aspecto da transmissibilidade, que enfatiza a questão da disseminação ou não de dados quadros pré-discursivos. E também à noção de tecnologia discursiva, enquanto artefatos e ferramentas discursivas que co-atuam como produtores de sentidos.

### **Referências bibliográficas:**

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a Reprodução*. [1995] Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Introdução de Jacques Bidet. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Tradução Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001,

PAVEAU, Marie-Anne. *Os Pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução de Greciely Costa e Débora Massman. Revisão da Tradução José Horta Nunes. Campinas-SP: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso. Estrutura ou Acontecimento*. [1983] Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. [1975] Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.